

Apresentação da exposição individual “Máscaras” Múltipla Ambientação, Brasília - 1975

Marly de Oliveira

AS ESTRANHAS MÁSCARAS DE ATHOS BULCÃO

Se é verdade, como afirma Augusto Meyer, que com o simples exercício da arte se postula dissimulação, sendo necessário decifrar o que nasce do símbolo, que dizer quando o que se tem para examinar é a criação de uma máscara?

Athos Bulcão, que todos conhecem pelos trabalhos de integração arquitetural que desenvolveu junto a projetos de arquitetos brasileiros, os desenhos em painéis de azulejos para revestimento de grandes superfícies, e por sua própria pintura, ensaia agora uma nova forma de expressão, que parece saída de seus próprios quadros.

Se nos lembrarmos de suas fotomontagens, onde se nota uma audácia buñeliana, unida a um certo gosto melancólico que recorda Fellini, com a vantagem de lhe serem anteriores, não nos deixaremos de surpreender com a permanente efervescência de seu mundo interior. Essa capacidade de contínua transformação parece-me a sua maneira mesma de estar no mundo, tentando captá-lo através dessa difícil arte, esse esforço fadado ao insucesso que é a apreensão da realidade que nos circunda e que nos é, acrescentando-lhe algo.

Não estamos diante de um ocultista, no sentido em que se poderia pensar em Yeats e sua obsessão pela máscara. É conhecido o interesse de Yeats, desde os vinte anos, pelas ciências esotéricas e seu ingresso posterior na Sociedade Teosófica.

Athos Bulcão parece ter chegado a essa nova forma de expressão de maneira quase inconsciente, rompendo com bons dentes a superfície de uma realidade que intui sem explicar, mas que apresenta de maneira definida, com algum relevo e cores vivas, com predominância do negro, com a forma de um círculo cujo centro não fosse equidistante de todas as suas partes; ou melhor, de um semicírculo fechado, que se assemelhasse a um feto, mas com agressivos dentes e olhos e outros elementos que ajudam a criar a atmosfera de espanto de uma certa beleza quase grotesca.

A ambigüidade de qualquer obra de arte só lhe vale de bom cunho para aumentar a riqueza, exigindo do contemplador aquela colaboração indispensável, a fim de captar-lhe o significado mais profundo.

Que a máscara faça pensar em **persona**, que seja o símbolo de alguma coisa viva e inquieta e inquietante, movendo-se em sua imobilidade cósmica, no sentido de que esse movimento não é perceptível, está contido na forma mesma em que se expressa a máscara (que, eventualmente, talvez pudesse até mesmo ser colocada em variadas posições), tudo isso é apenas um aflorar de idéias que se associam na mera contemplação inicial.

Trata-se de um retorno ao ventre materno? Uma representação de um estado de paz sem harmonia, um capítulo em que a marca sensível da vida retira à integração no útero a não-individualidade daquilo que ainda não é, metendo-lhe com firmes dedos sujos a violenta cor, os bons dentes, os tenebrosos olhos, a estrela, a lua, e tantos outros símbolos?

É para outro tipo de atenção mais funda, mais minuciosa, mais vital e animada que se convida o espectador, advertindo-o de que é preciso deixar-se guiar pela emoção e pelo intelecto, quando se tem diante de si uma nova concepção, uma nova pesquisa, que, por isso mesmo, exige um incitamento do seu amor e de sua fantasia, dilatando o alcance do verso célebre de Milton: **no light but rather darkness visible**.